

Lisboa é uma das sete cidades europeias mais quentes na UE: no seu coração, tem uma ilha de calor “que agrava o problema”



Patricia De Melo Moreira

É preciso redesenhar as cidades para enfrentar as ondas de calor que se vão tornar mais intensas e frequentes no futuro, em cenários de alterações climáticas, diz o investigador João Vasconcelos. OMS prevê que mortalidade precoce por calor possa chegar a 100 mil por ano na Europa, no final do século.

7 JULHO 2022 14:48



Carla Tomás Jornalista

“As ondas de calor são um grande problema no sítio onde vivemos e são agravados pelas ilhas de calor nas cidades, sobretudo nos centros menos arborizados, com mais trânsito e menos ventilação, como a baixa de Lisboa”, frisa ao Expresso João Viljoen Vasconcelos. O investigador do Centro de Estudos Geográficos do Instituto de Geografia e Ordenamento

do Território da Universidade de Lisboa (CEG/IGOT) e docente do Politécnico de Leiria faz parte da equipa que estudou o clima no Plano Metropolitano de Adaptação às Alterações Climáticas e integra o projeto Ondas de calor em Lisboa.

O geógrafo lembra que **“a forma como desenhamos as cidades é um problema e estamos lentamente a incluir o clima ao pensar as cidades e a adaptar-nos”**. Em curso está um projeto piloto de monitorização do calor dentro da casa de população idosa em Lisboa, chamado IN-HALE, que envolve perto de meia centena de pessoas em cujas casas vão “monitorizar a exposição ao calor em ambiente interior e atitudes de adaptação na população idosa”, esclarece o investigador.

TEMPERATURAS PODEM CHEGAR AOS 40°C EM LISBOA

A questão torna-se premente perante a vaga de calor que aí está e que pode elevar os termómetros na capital a 40°C. João Vasconcelos recorda que a onda de calor que assolou algumas zonas do país em **Agosto de 2018, “fez duplicar a mortalidade na Área Metropolitana de Lisboa (AML)”**. O excesso de calor elevou de 63 para 123 a mortalidade média diária, registada neste mês por comparação ao período de referência. O problema é que este tipo de fenómenos tende a estender-se no tempo e a acentuar-se no futuro. O estudo feito para a AML indica que **“o stress por calor se pode vir a prolongar por entre 10 e 51 dias em meados do século na área metropolitana e atingir três meses seguidos (91 dias seguidos) no período 2071-2100**, com base no cenário mais gravoso de aquecimento global (RCP8.5)”, esclarece o investigador. Já os dias de desconforto por frio deverão cair até 109 dias no final do século. Esta é uma boa notícia tendo em conta o mau isolamento de dois terços da habitação em Portugal e o quanto se sofre com o frio no dito “país ameno”.

LISBOA ENTRE AS 7 CIDADES EUROPEIAS MAIS QUENTES

Segundo João Vasconcelos, **Portugal é “o segundo pior país da UE em termos de capacidade de as pessoas arrefecerem as suas casas** e mesmo os mais ricos não conseguem fazê-lo”, quando comparados com a população das mesmas categorias sociais noutros países. Isto porque os dados de que dispõe indicam que “38% dos portugueses vivem em casas que não são confortavelmente frescas e 98% não têm ar condicionado”. Lisboa está também entre as sete cidades europeias com mais alto índice de exposição a elevadas temperaturas, ao lado de Madrid, Roma, Nápoles, Barcelona ou Nice e Marselha.

Nas ilhas de calor urbanas, as temperaturas levam mais tempo a baixar. Imagens de satélite recentes da Estação Espacial Internacional indicam que as temperaturas do ar excederam em 10°C as temperaturas médias para a época, em junho de 2022, em cidades como Milão, Paris e Praga, na Europa, mas também em várias partes dos EUA e da Ásia.

Por cá, a partir desta sexta-feira, só Faro e Viana do Castelo escapam aos “avisos laranja” emitidos pelo Instituto Português do Mar e da Atmosfera, relacionados com a previsão de elevadas temperaturas. Já acionado está o sistema Ícaro, que visa atenuar o impacto do

calor na população mais envelhecida ou frágil. Em algumas cidades de província, o padre tem um papel importante ao chamar as pessoas para se protegerem no espaço fresco das igrejas, noutros são os espaços verdes os pontos frescos de refúgio.

100 MIL PODEM MORRER PRECOCEMENTE NA EUROPA POR CALOR EM EXCESSO

Só no verão de 2003, um dos piores de que há memória, o calor tórrido ceifou a vida a 70 mil pessoas na Europa ocidental, segundo dados da Agência Europeia do Ambiente. Nesse mesmo ano, o excesso de calor tirou a vida a mais de 15 mil pessoas em França e perto de duas mil em Portugal, sendo os mais vulneráveis os idosos, as pessoas com doenças crónicas, as grávidas, as crianças, e as pessoas expostas a trabalhos exteriores.

Dados da **Organização Mundial de Saúde indicam que até final do século se pode assistir a um aumento de 100 mil óbitos prematuros adicionais por ano** na Europa, associado ao calor, se as temperaturas médias globais subirem mais de 2°C face às da era pré-industrial.

Para quem está de férias na praia ou vive à beira mar, **o ar condicionado natural formado pelo vento do Atlântico vai ser uma benesse por estes dias**, mas a cautela é necessária e uma sombra à mão também. Já nas grandes cidades, o melhor mesmo é seguir as indicações das autoridades de saúde e refugiar-se em locais frescos, abrir as janelas de casa e baixar as persianas para permitir alguma corrente de ar, reduzir o exercício físico ou o trabalho ao ar livre e, claro, beber muita água para manter a hidratação.